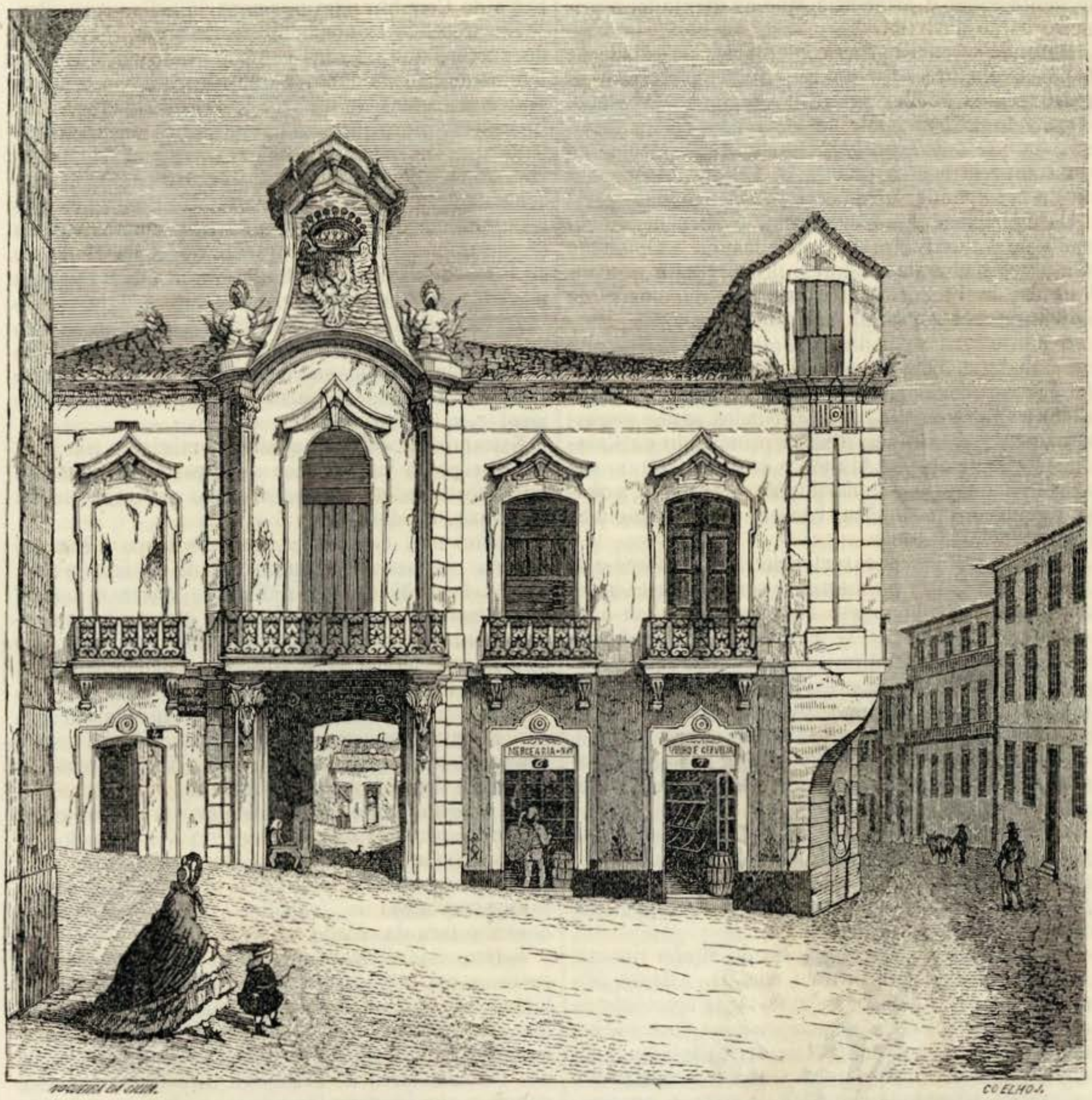


Palacio do marquez de Vagos, outr'ora Paços de S. Christovão — Desenho de Nogueira da Silva

EMBAIXADA DE FREDERICO III, IMPERADOR D'ALLEMANHA, A EL-REI D. AFFONSO V DE PORTUGAL — CONSORCIO D'AQUELLE SOBERANO COM A INFANTA D. LEONOR — FESTEJOS REAES E POPULARES EM CELEBRAÇÃO D'ESTAS NUPCIAS — OS PAÇOS DE S. CHRISTOVÃO — PARTIDA DA IMPERATRIZ PARA A ALLEMANHA.

I

O sabio e virtuoso rei D. Duarte, descendo ao tumulo ao cabo de cinco annos de um reinado desditoso, deixou dois filhos e tres filhas: o principe D. Affonso, que lhe succedeu no throno; o infante D. Fernando, duque de Vizeu, que foi pae del-rei D. Manuel; e as infantas D. Leonor, D. Catharina, e D. Joanna, que nasceu posthuma.

Ia em principio o anno de 1451. A corte achava-se em Evora. El-rei D. Affonso v contava 19 annos de edade, e havia tres que estava casado com sua prima a rainha D. Isabel, filha do infante D. Pedro duque de Coimbra, e regente do reino durante a menoridade de seu augusto sobrinho.

Das tres infantas era D. Leonor a primeira na ordem do nascimento e na formosura. Por tal arte se lhe desenvolveram as graças do corpo e os dotes do espirito, que aos 16 annos, que n'essa epocha tinha, nenhuma princeza da Europa a excedia em belleza e discrição. E a tudo isto dava realce uma alma verdadeiramente angelica.

Não podia um thesoiro assim estar por muito tempo meio occulto n'este cantinho do globo. Appressou-se a fama a apregoar por toda a parte o seu valor, e logo desejou possuil-o o maior potentado d'aquellas eras, Frederico III, rei dos romanos, e imperador d'Allemanha.

Passaram-se as primeiras negociações no verão de 1450, entre Frederico III e D. Affonso rei de Napoles e d'Aragão, tio da infanta D. Leonor. Pouco depois chegou a Evora um mensageiro com cartas do imperador a pedir a mão da infanta.

D. Affonso v convocou immediatamente cortes em Santarem para lhe dar conhecimento, e se tratar d'este negocio. N'ellas se approvou o enlace, e se

resolveu que a nação satisfaria o dote em que se concordasse.

Seguiu-se a nomeação e partida do embaixador para ajustar as condições do contrato. A escolha recaíu no doutor João Fernandes da Silveira, fidalgo de muito saber e prudencia, que ao diante foi o primeiro barão d'Alvito.

Devendo-se effeituar as conferencias na cidade de Napoles, em presença do rei, alli concorreram os embaixadores de Portugal e d'Allemanha. Ajustado o contrato matrimonial, dispoz Frederico III a embaixada que o devia representar no acto solemne do seu consorcio com a infanta D. Leonor, e que havia de acompanhar a imperatriz a Allemanha.

Os embaixadores, Jacob Motz, e Nicolau Lanckmann de Valkenstein, e decorados na sua missão com os epithetos de oradores, procuradores, e mandatarios de Frederico III, partiram da cidade de Saltzburgo em março de 1451.

É muito curioso o diario d'esta viagem escripto em mau latim pelo segundo dos referidos enviados. Os pobres embaixadores, depois de terem padecido bastantes incommodos, contrariedades, e não pequenos sustos, ao atravessarem o principado da Catalunha, e os reinos de Aragão e de Leão, caíram nas mãos de uma grande quadrilha de salteadores, quando, já entrados na Galliza, iam em peregrinação a S. Thiago de Compostella.

Julgando que o seu caracter de embaixadores e de sacerdotes os poria a coberto de maior injuria, apresentaram immediatamente as cartas e salvos-conductos que traziam do imperador, e dos soberanos dos estados por onde tinham transitado, declarando ao mesmo tempo, que eram clerigos de ordens sacras. Porém o capitão da quadrilha, que não entendia de diplomacias, nem era muito temente a Deus, foi-os despojando do dinheiro que traziam, das cavalgaduras e bagagem, e até recusou entregar-lhes as cartas imperiaes e reaes.

Apesar de roubados continuaram em a sua peregrinação até S. Thiago de Compostella, onde se demoraram alguns dias em praticas religiosas. D'alli vieram á cidade de Tuy, entrando em Portugal por Valença.

No seu transito pela provincia do Minho tiveram a fortuna de se encontrarem com D. Affonso Nogueira, bispo de Coimbra, e mais tarde arcebispo de Lisboa. Este prelado, compadecendo-se do triste estado em que os via, indigno de ecclesiasticos, e altamente indecoroso para quem vinha representar um tão grande soberano, convidou-os para o acompanharem a S. Thiago, onde o bispo se dirigia, promettendo-lhes na volta fornecel-os de tudo o necessario.

Acceitaram os enviados a offerta, não obstante o transtorno da viagem, pois tornavam á cidade d'onde pouco antes tinham saído. Porém acharam isto muito preferivel a verem-se expostos ao ridiculo na sua entrada na corte de Portugal.

Tratou-os o arcebispo com a maior bizarria. Proporcionou-lhes todas as commodidades e confortos possiveis, e póde-se até dizer, que os fez servir com magnificencia, pois que levava comsigo muita criadagem, e ricas baixellas para seu uso.

Regressando a Coimbra, cumpriu á risca a sua promessa. Agasalhou os seus hospedes honradamente; mandou fazer-lhes fato do melhor panno que se achou na cidade; e deu-lhes quanto foi mister para que proseguissem na sua jornada com o devido decoro.

É Ruy de Pina quem refere esta anecdota do bispo D. Affonso Nogueira. O bom do allemão, auctor do diario alludido, deixou no esquecimento esta circunstancia notavel da sua viagem. É singular que quem não teve pejo de descrever ao vivo a ridicula posição dos embaixadores, quando para obterem a clemencia do capitão dos ladrões se prostraram por terra, beijando-lhe os pés e regando-lh'os de lagrimas, se envergonhasse logo depois de relatar os favores que os mesmos embaixadores receberam do bispo de Coimbra para os poupar a maior vergonha.

Encarecendo as bondades de Coimbra, diz o citado auctor, que os seus campos produzem duas colheitas de pão no anno, e que n'elles havia optimas vinhas e cannas de assucar [1]. Provavelmente, o illustre escriptor, que sem duvida sabia mais de theologia que de botanica, tomou as cannas communs por cannas de assucar. Entretanto é possivel, que, achando-se ainda vivo o infante D. Henrique, que foi quem mandou vir da Sicilia as primeiras cannas de assucar, que se plantaram na ilha da Madeira, se fizesse então alguma tentativa do mesmo genero nos campos, que o Mondego rega.

De Coimbra proseguiram os enviados até ao convento da Batalha, e d'este até ao mosteiro d'Alcobaça, onde repousaram por alguns dias. Aqui vieram dois fidalgos da parte del-rei para os comprimentar, e acompanhar.

Saíram d'Alcobaça com mais auctorisada comitiva em direcção a Villa Franca de Xira. N'esta villa foram recebidos com grandes festas pelo infante D. Henrique, tio del-rei.

Finalmente, depois de perto de cinco mezes de viagem chegaram aos suburbios de Lisboa, n'uma quinta feira 30 de julho. Foram pousar e dormir n'essa noite nos paços do Lumiar, que estavam convenientemente preparados para esse fim. Eram os paços fundados por D. Affonso III, e dados por el-rei D. Diniz a seu filho bastardo, Affonso Sanches. [2]

Destinou-se o dia seguinte para a entrada solemne dos embaixadores em Lisboa. El-rei D. Affonso V achava-se n'esta cidade com toda a familia real e a sua corte desde o dia 23 de junho.

Já anteriormente se faziam por sua ordem grandes preparativos para a recepção dos enviados, e para as festas do casamento. Porém depois da chegada del-rei tinham duplicado os planos das festas e quadruplicado os trabalhos. Tudo era azáfama dentro e fóra da cidade.

Joven, enthusiasta, e propenso desde os mais tenros annos á prodigalidade, D. Affonso resolveu solemnisar o consorcio de sua irmã com a grandeza que convinha ás nupcias de uma imperatriz. É talvez quiz, ainda mais que isso, deslumbrar os olhos dos embaixadores de Frederico III com taes galas e pompas, que ficassem fazendo uma alta idéa da corte de Portugal, para que o imperador tambem a seu turno a fizesse.

O povo amava o soberano com o affecto que é proprio do subdito leal, e além d'esse affecto, dedicava-lhe, como tributo de saudade, o mesmo amor acrisolado, que o unira em estreitos vinculos a seu pae, e avô, os reis D. Duarte e D. João I. Comprehendendo pois os desejos de D. Affonso V em todo o seu alcance, e vendo n'elles lisonjeado o orgulho nacional, dispoz-se a secundal-os com todas as suas forças.

II

No dia 31 de julho, pela manhã, saía da cidade pela porta da Mouraria [3] numerosa e luzidissima cavalgada. Marchava na frente a musica da real ucharia, tangendo os atabales e charamelas. Seguia-se, a pé, e ordenada em duas fileiras, uma grande comi-

[1] Ibidem que circum et circa in uno et eodem anno crescit binies in uno agro frumentum maturum. Et ibi crescunt optima vina, et zuccarum in cannis.

[2] Estes paços e quinta, depois de passarem por muitas transformações, e de terem pertencido a varios possuidores, são hoje da senhora marqueza do Fayal.

[3] É o arco do marquez d'Alegrete.

tiva de moiros, esplendidamente trajados ao seu uso. Depois caminhavam, montados em mulas e ginetes ajaezados com riqueza, varios bispos e prelados, alguns altos funccionarios do estado, muitos titulares e simples fidalgos, militares distinctos, e outros empregados publicos. O senado de Lisboa e crescido numero de populares fechavam este acompanhamento. Entre os prelados ia o bispo de Coimbra, D. Affonso Nogueira, que viera expressamente á corte para assistir ás festas, e contribuir para o esplendor d'ellas com a auctoridade da sua pessoa, e ostentação do seu sequito.

Juntando a tudo isto os criados dos fidalgos, com vistosas librés feitas de novo para esta funcção, caminhando a pé aos lados dos cavallos em que montavam seus amos; e os pagens e estribeiros del-rei, emplumados e agaloados magnificamente, levando de redea os melhores ginetes das cavallariças reaes, cobertos com telizes de veludo recamados de oiro, e destinados para o serviço dos embaixadores, poder-se-ha fazer uma idéa approximada do apparato d'este prestito verdadeiramente regio.

Dirigindo-se pela Mouraria, arrabalde para onde dava saída a porta do mesmo nome, e então ainda habitado exclusivamente por moiros, foram por entre os prados e hortas d'Arroyos até ao campo de Alvalade (Campo Grande), e d'ahi foram apear-se á porta dos paços do Lumiar.

Achavam-se os embaixadores prevenidos, e esperando o cortejo n'uma das salas do paço. Feitos os comprimentos do estilo em breves allocuções na lingua latina, desceram todos para o pateo, e dando aos enviados o logar mais honorifico, pozeram-se em marcha para a cidade com a mesma ordem em que tinham ido.

Foi triumphal a entrada dos embaixadores em Lisboa. Desde a porta da Mouraria até ao castello de S. Jorge, onde ficavam os paços da Alcaçova, habitação de D. Affonso v; e do castello até ao paço dos Estáos, no Rocio, destinado para hospedagem dos enviados, apresentava a cidade um aspecto festivo e loução.

Era tal a concurrencia do povo, que, obstruindo as ruas do transito, mal deixava espaço para a passagem do cortejo. Caminhando pois lentamente, e com difficuldade por entre a multidão, chegaram os embaixadores ao paço real, onde foram introduzidos conforme as praticas da nossa corte, sendo seguidos por todas as pessoas auctorisadas, que os tinham acompanhado.

El-rei estava no throno, vestido com muita riqueza, e sentado em soberba cadeira de espaldas. Cercavam-no de um e outro lado os officiaes móres da sua casa, e muitas outras pessoas illustres.

A sala era vasta, e, ainda que desadornada de moveis, e de galas de architectura e esculptura, ostentava sumptuosidade, pois que mui ricas tapeçarias lhe vestiam as paredes, e cobriam o pavimento.

Conservou-se sentado el-rei á entrada dos embaixadores na sala; e assim os recebeu com distinctas mostras de benevolencia, e tambem do prazer que lhe resultava da sua vaidade satisfeita. D. Affonso v, apesar da sua inexperiencia do mundo, percebeu ao primeiro relancear d'olhos, por certo enleio que se divisava no rosto e nas maneiras dos embaixadores, que vinham maravilhados, e como envergonhados da sua pequenez ao meio das grandezas de similhante recepção.

Um dos enviados dirigiu ao soberano uma allocução em latim, cheia de felicitações e comprimentos affectuosos da parte do imperador.

El-rei agradeceu graciosamente; levantou-se, e descendo do throno tomou os embaixadores pela mão, e os conduziu para o meio da sala.

Como era sabedor, por via do bispo de Coimbra, de tudo quanto lhes havia succedido na viagem, fallou-lhes dos incommodos e perigos por que passaram; inquiriu-os sobre alguns d'esses accidentes; e mostrando-se por tudo magoado, e desejoso de que repousassem de tamanhas fadigas, despediu-se d'elles com soberana affabilidade.

Acabada esta primeira audiencia, saíram os enviados com as mesmas formalidades, e com o mesmo acompanhamento foram até ao Rocio, e ahi se alojaram no paço dos Estáos. [1] Este paço poucos annos antes fôra fundado para hospedagem dos embaixadores pelo infante D. Pedro, duque de Coimbra, sendo regente do reino.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

COMO SE GANHA UMA DEMANDA

(Conclusão. Vid. pag. 266)

Effectivamente estavam á porta de Raymundo. A luz que vinha de dentro, ao abrir, cegou por momentos a Joaquim, e só depois de se costumar á claridade, é que pôde dar fé do interior d'aquella habitação.

Era uma casa terrea que accumulava as funcções de cozinha, sala, casa de jantar e quarto de dormir dos pequenos. A um canto uma cortina de chita muito remendada resguardava-lhes a alcova. Do lado direito uma porta meio aberta dando para o escuro, d'onde saía o som angustiado e sibilante de uma respiração irregular, accusava o quarto do enfermo; junto da chaminé, onde ardiam com chamma fraca e incerta alguns cavacos apanhados na estrada, via-se uma cadeira de espaldar de couro e pregaria amarella. Era o unico movel de algum valor.

Uma mesa de pinho bem velha e bem pouco segura, umas prateleiras sobre a mesa, pregadas na parede, onde se viam uns pratos quasi todos rachados e alguns tachos muito velhos, tres môchos em roda da mesa, uma arca carunchosa ao lado da porta da entrada, dois registos por cima da arca, uma palma e um rosario cruzando-se sobre os registos, constituiam toda a mobilia, a que acrescentaremos apenas, para que a descripção seja completa, um banquinho, proximo á entrada do quarto do doente e junto da arca d'onde Leonor se levantára para abrir a porta aos recem-chegados. Sobre a arca uma lamparina allumiava os santos, e dava claridade para o trabalho de Leonor, que alli, ora espreitando para o quarto do esposo, ora levantando olhos de supplica para as imagens, remendava um capote de Raymundo, sobre o qual de vez em quando caíam as lagrimas da desgraçada.

A luz incerta do braseiro, sobre o qual, e para o escurecer mais, estava uma panella de folha, em duas pedras, que suppriam a fornalha, e o clarão mais tenue ainda da lamparina, luctando com as sombras, e perdendo-se na escuridão, tornavam a casa mais vasta, mais nua e mais triste.

— O pae está descançando, não façam bulha, apressou-se em dizer aos seus dois filhos a attribulada mulher. Depois, voltando-se para Joaquim:

— Vossa senhoria ha de perdoar, os pequenos é que tiveram a culpa de o cá trazer. Bem vê que não temos accommodações para o receber, depois a doença de meu marido...

— Olhe, mãe, segredou-lhe o José, como quem queria dar a entender que não andava de leve, elle tem dinheiro para pagar á gente, e diz que traz um remedio que dá cura ao pae.

[1] Este paço foi dado por D. João III para assento da inquisição, e occupava o terreno onde hoje vemos o largo de Camões, e a parte occidental do theatro de D. Maria II.

— Não venho para incommodar. Estou afeito a tudo, e qualquer coisa me satisfaz, uma pouca de palha e uma manta, uma manta só, coisa nenhuma mais que seja; peço licença para descançar ahi sentado, e adormecer com os braços sobre a mesa e a cabeça encostada aos braços.

Eu sei o que são doenças, e talvez mesmo lhe possa servir de algum prestimo. Nas terras por onde andei, nem sempre havia medico á mão, nem botica ao pé da porta. Ia-se a gente curando conforme podia, e aprendendo á sua custa...

Em quanto Joaquim proseguia no seu arrazoado, ia de caminho examinando sua cunhada, que observava tambem o hospede que seus filhos lhe traziam.

Leonor era ainda uma formosa mulher, posto que o desgosto lhe tivesse gravado rugas precoces, e branqueado alguns cabellos. Morena, olhos pretos e rasgados, nariz recto e fino, labios delgados e vermelhos, rosto oval, um d'estes typos peninsulares, mescla formosa do sarraceno trigueiro e nervoso, como as filhas do norte pallidas e lymphaticas. Era esvelta e da altura propria da mulher. Tinha sentimento na physionomia e elegancia no corpo. Mostrava o que devêra ter sido, antes que as magoas a envelhecessem e os trabalhos a cançassem. A tristeza espalhava-lhe pelo rosto um melancolico mas diaphano véo, a través do qual transparecia a vermelhidão do pejo, ao lembrar-se da má hospedagem, que com difficuldade podia offerecer. E quanto mais olhava para Joaquim, mais ia sympathisando com a cara rude mas franca do recem-chegado.

Este mostrava tambem muito mais idade do que tinha. Valêra-lhe por dez cada um dos annos, que passára no sertão; mas aquella belleza agreste do homem calejado no trabalho, aquella lhaneza não destituida de finura que se adquire no trato licito, mas laborioso e muitas vezes bastante complicado, davam-lhe relevo ás feições, e imprimiam-lhe um cunho particular. Trajava simplesmente e como lavrador abastado.

Apesar da compostura que se notava no trajo de Leonor, apesar do cuidado com que vestia e do aceio da sua roupa, a mão da miseria denunciava-se a todo o momento. Da miseria que não faz alardo de si, que se esconde, que se disfarça, que tem pejo do seu estado, e receio de que a conheçam. Miseria timorata e desconfiada, a que tudo offende, porque tudo a fere; que de todos foge, porque, sem quererem mesmo, todos a escandalisam. Uns pela ostentação, outros pelo dó, alguns pela indifferença. Miseria que sorri por fóra, em quanto chora por dentro, que aparenta desapego, em quanto treme pelas consequencias, que encontra perigos sempre diante de si, e que soffre tanto mais, quanto receia que o desabafar seja tido como uma supplica, e a franqueza como um rodeio para pedir. Miseria que roça por nós, sem que a conheçâmos, e que, por um nobre orgulho, denomina doença a fome, desleixo o mau vestuario, extravagancia a necessidade.

Tal era entretanto o que se lia no modesto e envergonhado trajar de Leonor, e que Joaquim, com a perspicacia que dá tambem a simplicidade, conheceu á primeira vista.

— Se não fosse a molestia do meu Raymundo, proseguiu ella, melhor agasalho lhe poderiamos offerecer; mas assim, parece que Deus se esqueceu da gente ha alguns annos a esta parte. E tudo por causa de um mano de meu marido! Que elle não quer ouvir tal, e pelo contrario sempre defende o irmão, que no seu dizer não tem culpa do que faz um tal João Simões... mas o senhor não se interessa com isto. Vou ver se lhe posso offerecer alguma coisa de cear, e perdoará a limitação.

E em quanto fallando e dando voltas ia preparando a ceia, e espreitando sempre o quarto de seu esposo, para se certificar se elle continuava a dormir, Joaquim ficára á porta, de pé, chapeo na mão, e como pasmado ao comparar aquella pobreza com as informações que recebêra.

Leonor reparou na posição do seu hospede, e indicando-lhe a cadeira de espaldar, proxima da chaminé:

— Vem molhado, e está ahi em pé, sem se chegar ao menos para o lume? Sente-se, ainda assim esta cadeira é a predilecta de meu marido; era onde se sentava quasi sempre meu sogro.

Joaquim já tinha conhecido a poltrona; mas quando Leonor o certificou, pedindo-lhe que se sentasse, não pôde dominar uma visivel commoção. Teve duvida, quasi medo de se sentar; parecia-lhe ver seu pae apontando-lhe para aquella casa, para aquella miseria, e expulsando-o. Afigurou-se-lhe de repente o quadro que tantas vezes examinára: o rosto entre severo e indulgente de José dos Santos inquieto por amor do filho, que se demorava, e preparando um sermão, que levava a cabo raras vezes, porque antes de meio lhe desarmava as iras o verdadeiro affecto paternal.

Leonor, que não podia acertar com a causa de similhante indecisão, attribuiu-a a motivo bem differente.

— Não faça ceremonia; se meu marido estivesse aqui, elle mesmo lh'a cederia, que sempre lhe ouvi dizer, que era dever sagrado fazer bom acolhimento aos viajantes. E perdôe vossa senhoria que eu ande no meu trafêgo.

N'este comenos remexêra na arca, e bem vermelha de vergonha tirára um panno, muito lavado é verdade, mas cheio de remendos, e que estendêra sobre a mesa; desencantoára de um armario velho, que pelo estado em que se achava e pelo pouco vulto que fazia nos esqueceu mencionar, duas brôas de milho e alguns queijos brancos salgados; escolhêra da prateleira os pratos menos quebrados, a que juntou os talheres, que, apesar de serem de chumbo, pareciam de prata pelo brilho, tão limpos estavam; e indo buscar á chaminé a panella onde fervia um caldo de couves e toucinho, convidou o seu hospede a tomar parte n'aquella ceia.

Não era coisa sufficiente, bem o sabia, mas a sua pessoa havia de desculpar, pois que não esperava ninguem de fóra, nem estava no auge de o receber como desejava, porque a doença de seu homem a tinha quebrado de pernas e braços.

— E o que diz o facultativo da doença de seu marido?

— Diz que é uma dor no interior, que lhe costuma dar, e que é de muito perigo se continúa; que elle já é attreito a padecer do figado, que segundo parece é molestia de familia, e que lhe póde subir o mal ao bofe, se não se puxar a baixo com força. E será assim?

— Não o creio. Deus ha de afastar o agouro do tal barbeiro.

— Elle tambem diz que é bom dormir, e o meu Raymundo ha umas quatro horas que está descançando tão socegado, que parece mesmo uma criança.

— Isso sim; o dormir é sempre um excellente remedio, restaura as forças e faz cobrar saude. D'ahi seu marido deve estar amofinado por lhe correr o negocio mal. Não me fallou ha pouco de um irmão?...

— Do Joaquim, fallei, sim, senhor.

— Então esse Joaquim?...

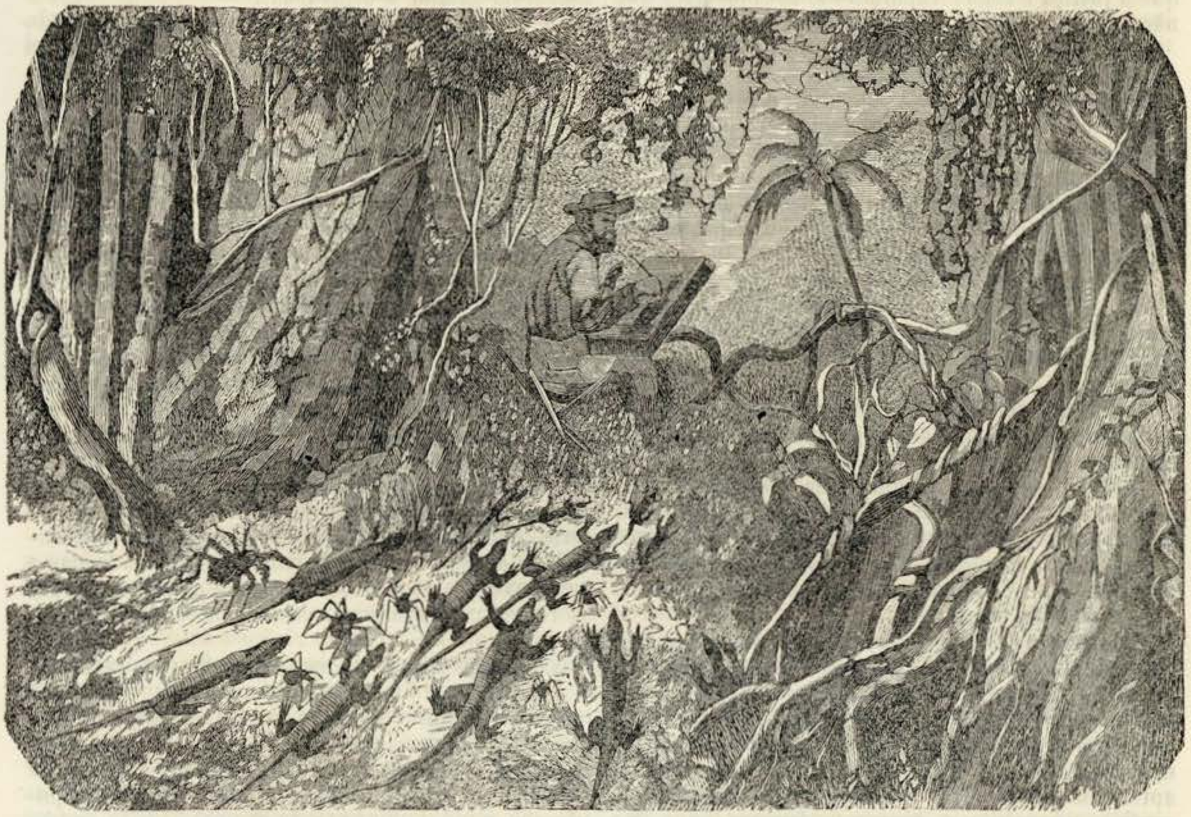
— É, segundo a minha opinião, a causa de tudo isto. Que o Raymundo diz que não, e jura que não era capaz de fazer uma acção d'estas, se soubesse do estado a que chegámos...

— Que acção? atalhou precipitadamente Joaquim.

— Uma penhora á gente, n'isto que o senhor ahi vê. Na verdade vale bem a pena de incommodar; a justiça ha de ficar bem rica, não tem duvida nenhuma. Mas ainda assim, Deus sabe a falta que nos faz tudo. Ficâmos a pedir esmola. Até agora ainda tinhamos o nosso buraquinho para uma afflicção; mas d'hoje em diante...

— Que diz?

— A verdade. Um tal João Simões é que tem andado acceso n'este negocio todo, porque tomou asca ao meu Raymundo desde que elle um dia, já de proposito, por saber que era o Simões que lhe desinquietava o irmão, lhe voltou costas no arraial de Nossa Senhora do Rosario. Depois, apresentou-se feito procurador do Joaquim, deu testimunhas, se o senhor soubesse que testimunhas... as caras mais atraiçoadas do logar, em como o pae de meu marido tinha deixado muitos bens, que o meu Raymundo estragára tudo, e depois tem andado em demandas para puxar pela legitima do amigo. Legitima!... Só se foi a benção do pae á hora da morte, porque em quanto ao mais! Nem chegou o dinheiro para o enterro, que foi preciso ir pedil-o fóra.



Uma invasão de formigas no Brasil

N'estas alturas do dialogo, um gemido do doente chamou a attenção de Leonor, que correu á alcova de seu marido, e por lá se deteve. Cançada de lidar, apenas se certificou de que o marido continuava dormindo, e que o gemido fôra apenas um sobresalto de algum sonho angustiado, sentou-se aos pés da cama, e passando as contas de um rosario, cedeu por fim ao cançaço e adormeceu tambem. Os pequenos logo depois de ceia tinham ido aninhar-se para o seu cantinho, e havia muito que resonavam.

Joaquim ficára entregue ás suas reflexões.

Correram as horas, esmoreceu de todo o lume no brazido, apagou-se a lamparina, ficou a casa em trevas, devassadas apenas pela luz diffusa da atmosphera que passava pelas fendas do tecto, e elle cogitava ainda no passado e no presente, nos seus sonhos, nas suas aspirações, nos seus erros e nas suas culpas.

A solidão d'aquella casa povoava-se-lhe de vultos, todos elles conhecidos, todos eloquentes, alguns severos julgadores, outros saudosos e indulgentes amigos. Uma a uma iam-lhe correndo as scenas da sua infancia; via, como em lanterna magica, recortarem-se nas trevas do aposento as figuras de quantos havia conhecido, de todos com quem lidára, e superior a todas, como absorvendo-as e substituindo-as, a figura veneranda de seu pae, ora exprobrando-lhe terrivel o quanto perseguira seu irmão; ora sorrindo-lhe amorosamente na hora derradeira, e estendendo-lhe sobre a cabeça as tremulas e enrugadas mãos para o abençoar.

Ao assomar da alvorada pendeu-lhe mais a cabeça, e cerraram-se-lhe as palpebras. Adormecia tambem, não com o somno socegado e reparador, que se segue ás fadigas do corpo, mas com aquella modorra agitada e febril, que é o descahir das grandes luctas

moraes. Cabecear cortado de sobresaltos, dormir carregado de pesadelos, é descanço que nos deixa mais cançados ainda.

Entre dormindo e acordado começou a ouvir o seguinte dialogo.

—Como te sentes, Raymundo?

—Melhor, Leonor, muito melhor. Fez-me bem o somno d'esta noite. Já vieram?

—Quem?

—Os officiaes de justiça, os que hão de fazer a penhora.

—Não cuides n'isso, que te amofinas, talvez não venham; talvez fosse tudo palavreado do Simões para assustar a gente. É impossivel que não olhem ao teu estado.

—Qual olham, nem meio olham! Bem se conhece que não entendes d'estas coisas. Pois tu não sabes que a justiça é cega? Taparam-lhe os olhos para que não visse a desgraça dos pobres.

—Mas teu irmão!

—Não sabe de nada, Leonor, diz-me o coração que não sabe de nada O Joaquim teve sempre a cabeça levantada; mas no fundo não era mau rapaz. Se elle soubesse o que Simões tem feito já lhe tinha tirado a procuração.

—Tu tambem sempre o defendes, és a bondade em pessoa, meu pobre Raymundo, não ha para ti ninguem mau n'este mundo.

—Olha, o Joaquim, se não fossem as más companhias, não teria feito o que fez: não gostava de se chegar para o trabalho, eis o seu senão, mas não era capaz de fazer mal a ninguem, nem rapaz de mau interior.

—Foi elle que matou teu pae, e que no fim de contas nos tem levado a este estado com as suas demandas.

—Não digas isso, Leonor, que me afflige. Meu pae morreu, porque lhe tinha chegado a sua hora, custou-lhe muito a partida de Joaquim, mas abençoou-o á hora da morte. Lembras-te, não é assim? Se elle perdoou, porque não havemos nós de perdoar...

—Obrigado, irmão!

Era, afogada em lagrimas, a voz de Joaquim, que estava entre portas do quarto. Tinha acordado, e escutado cada vez com maior attenção o dialogo que tão de perto lhe dizia respeito. Julgou ao principio que seria sonho, conheceu depois que era realidade, e, tremendo todo, ergueu-se, e para melhor ouvir aproximou-se do logar d'onde partiam as vozes. A gratidão, e talvez o remorso, fizeram-lhe soltar aquellas duas palavras que cortavam o dialogo.

Raymundo conheceu a voz, sem que podesse distinguir-lhe o rosto, porque o irmão estava de costas para a claridade; pareceu-lhe que invocára um fantasma, estendeu para elle os braços, exclamando:

—Joaquim!

E caiu desmaiado com o abalo. Joaquim precipitou-se chorando para junto da cabeceira do irmão, abraçou-o vezes infinitas, e teve o indizivel jubilo de o ver tornar a si em seus braços.

—És tu, meu irmão!.. Bem me dizia uma voz, cá dentro, que havias de voltar.

—Perdôas-me, Raymundo?

—Perdoei-te sempre, tu é que tens que me perdoar.

—O que?

—Não te haver já transmittido a benção do pae. Ajoelha, Joaquim.

—Em nome do nosso bom pae, que está nos ceos, eu te abençôo, meu irmão, sê bom como elle foi, e mais feliz do que eu tenho sido!

—Sel-o-hemos todos, Raymundo, porque se me deixas viver comtigo, nunca mais sáio da tua companhia.

Escusado é dizer agora como terminou esta scena. João Simões não poz mais pés na terra; Joaquim tinha-lhe jurado pelo corpo, e elle bem sabia que não era homem de faltar á sua palavra. Declarára que seria a sua ultima extravagancia; mas d'essa não desistia, nem por um Christo. O caso era encontrar o seu procurador.

A doença de Raymundo dasappareceu breve, e a alegria voltou áquella casa para não a desamparar mais.

Muitas noites, quando se conchegava para o pé do lume, depois de ter contado aos sobrinhitos, que o não deixavam por contos, uma historia do Brasil, Joaquim voltava-se para o irmão e para Leonor, e dizia-lhes sorrindo.

—Sempre hão de confessar que estes endiabrados pequenos são uns grandes doutores! Como elles nos souberam ganhar a demanda!..

RODRIGO PAGANINO.

AS FORMIGAS NO BRASIL

Antes de darmos a explicação da estampa, cumpre advertir, que as formigas no Brasil são tão damninhas á agricultura, que em tempos crendeiros as chamavam a juizo, e lhes lançavam excommunhão.

O nosso mavioso classico Manuel Bernardes traz nas suas *Florestas*, o seguinte pleito que os frades menores da provincia do Maranhão tiveram com as formigas que lhes invadiram o convento.

Foi o caso, que n'aquella capitania, as formigas, que são muitas, mui grandes e damninhas, para estenderem o seu reino subterraneo, e ensancharem os seus celeiros, de tal sorte minaram a despensa dos frades, afastando a terra debaixo dos fundamentos, que ameaçava proxima ruina. E acrescentando delicto a delicto, furtavam a farinha de pau que alli estava guardada para quotidiano abasto da communidade. Como as turmas do inimigo eram tão bastas e incansaveis, a toda a hora de dia e de noite, vieram os religiosos a padecer falta, e buscar-lhe o remedio.

Não aproveitando alguns de que fizeram experiencia, porque, em fim, a concordia na multidão a torna insuperavel, ultimamente, por instincto superior (ao que se póde crer), saiu um religioso com este arbitrio: Que elles, revestindo-se d'aquelle espirito de humildade e simplicidade, com que seu serafico patriarcha a todas as creaturas chamava irmãs, irmão sol, irmão lobo, irmã andorinha, etc., pozessem demanda áquellas irmãs formigas, perante o tribunal da divina Providencia, e signalassem procuradores assim por parte d'elles auctores como d'ellas rés, e o seu prelado fosse o juiz que em nome da suprema Equidade ouvisse o processado, e determinasse a presente causa.

Agradou a traça; e isto assim disposto, deu o procurador dos padres libello contra as formigas.

Contestada por parte d'ellas a demanda, veiu articulando:

Que elles auctores, conformando-se com o seu instituto mendicante, viviam de esmolas, ajuntando-as com grande trabalho seu pelas roças d'aquelle paiz; e que as formigas, animal de espirito totalmente opposto ao Evangelho, e por isso aborrecido do seu padre S. Francisco, não faziam mais que roubal-os: e não sómente procediam como ladrões formigueiros, senão que, com manifesta violencia, os pretendiam expellir da casa, arruinando-a. E, portanto, dessem razão de si, ou, quando não, fossem todas mortas com algum ar pestilente, ou afogadas com alguma inundação, ou, pelo menos, exterminadas para sempre d'aquelle districto.

A isto veiu contrariando o procurador d'aquelle negro e mudo povo, e allegou por sua parte fielmente:

Em primeiro logar, que ellas, uma vez recebido o beneficio da vida por seu Creador, tinham direito natural a conserval-a por aquelles meios que o mesmo Senhor lhes ensinára.

Item. Que na praxe e execução d'estes meios serviam ao Creador, dando aos homens os exemplos da virtude que lhes mandára; a saber, de prudencia, acautelando os futuros e guardando para o tempo da necessidade; de diligencia, ajuntando n'esta vida merecimentos para a eterna; de caridade, ajudando umas ás outras, quando a carga é maior que as forças; e tambem de religião e piedade, dando sepultura aos mortos da sua especie como escreveu Plinio.

Item. Que o trabalho que ellas punham na sua obra, era muito maior, respectivamente, que o d'elles auctores em ajuntar as esmolas; porque a carga muitas vezes era maior que o corpo, e o animo que as forças.

Item. Que supposto elles eram irmãos mais nobres e dignos, todavia diante de Deus tambem eram umas formigas; e que a vantagem do seu grau racional harto se descontava e abatia com haverem offendido ao Creador, não observando as regras da razão como ellas observavam as da natureza; pelo que se faziam indignos de que creatura alguma os servisse e accommodasse; pois maior infidelidade era n'elles defraudarem a gloria de Deus, por tantas vias, do que n'ellas furtarem-lhes a farinha.

Item. Que ellas estavam de posse d'aquelle sitio antes d'elles auctores fundarem; e portanto não deviam ser d'elle esbulhadas; e da força que lhes fizessem appellariam para a coroa da regalia do Creador, que tanto fez os pequenos como os grandes, e a cada especie deputou seu anjo conservador.

E ultimamente concluiram, que defendessem elles a sua casa e farinha pelos modos humanos que soubessem, porque isso lhes não tolhiam; porém que ellas sem embargo haviam de continuar as suas diligencias, pois do Senhor, e não d'elles, era a terra, e quanto ella cria: *Domini est terra, et plenitudo ejus*.

Sobre esta contrariedade houve replicas e contrareplicas, de sorte que o procurador dos auctores se viu apertado, porque uma vez deduzida a contenda ao simples foro de creaturas, e abstrahindo razões contemplativas com espirito de humildade, não estavam as formigas destituidas de direito. Pelo que o juiz, vistos os autos, e pondo-se com animo sincero na equidade que lhe pareceu mais racionavel, deu sentença: Que os frades fossem obrigados a signalar dentro da sua cerca sitio competente para vivenda das formigas; e que ellas, sob pena de excommunhão, mudassem logo de habitação, visto que ambas as partes podiam ficar accommodadas sem mutuo prejuizo; maiormente, porque elles religiosos tinham vindo alli por obediencia a semear o grão evangelico, e era digno o operario do seu sustento; e o das formigas podia consignar-se em outra parte por meio de sua industria, a menos custo.

Lançada esta sentença, foi outro religioso, de mandado do juiz, intimal-a em nome do Creador aquelle povo, em voz sensivel nas boccas dos formigueiros.

Caso maravilhoso! e que mostra como se agradou d'este requerimento aquelle supremo Senhor, de quem está escripto que brinca com as suas creaturas: *Ludens in orbe terrarum*.

Immediatamente sairam a toda a pressa milhares de milhares d'aquelles animalejos, que formando longas e grossas fileiras demandavam em direitura o signalado campo, deixando as antigas moradas, e livres da sua molestissima oppressão aquelles religiosos, que renderam a Deus as graças por tão admiravel manifestação de seu poder e providencia.

(Continúa)

A GUERRA SANTA [1]

BALLADA VASCONÇA

(1859)

É o equinoccio de inverno. O furacão derrama com potente sopro as folhas da oliveira e da vide nas provincias do sul, e se dirige, rugindo, para as montanhas vasconças.

A noite é escura; os bosques de Biscaya, os despenhadeiros de Guipuzcoa, e a arida planicie de Alava, estão cheios d'esses roncos tremendos que assombram o animo mais varonil.

As herdades e granjas commovem-se até aos cimentos; abalam-se as levantadas chaminés; e os altivos carvalhos, que vagarosamente cresceram junto das portas, sacodem furiosos os ramos em nobre lucta com o vento.

O furacão segue desenfreada marcha: ao tropeçar com as rochas sobrepostas na montanha, quer arrancal-as de subito; arremette contra ellas com raiva impotente; revolve-se, enlaça as grandes moles com as immensas espiraes de seus redomoinhos, e vendo quão inuteis lhe são todos os esforços, precipita-se bramindo nos valles.

Então se misturam com aquelle horrivel estrondo os gritos lastimosos da natureza accommettida e martyrisada.

O *echeco-jauna* [2] dorme tranquillo, assim como seu fiel mastim, sem que o despertem aquelles sinistros rugidos, tão familiares aos filhos dos montes e das montanhas.

O mastim, porém, levanta subitamente a enorme cabeça, afila a delgada orelha, abre as fauces, e solta um uivo de rebate.

O *echeco-jauna*, apoiando o cotovelo na almofada do leito, presta ouvido attento, e empunha com mão febril a buzina de guerra.

O que é que despertou o *echeco-jauna*, e apavorou o mastim?

Entre o fragor da tempestade ouve-se uma grande voz: esta voz resôa de além Ebro; é o grito de um povo inteiro que foi offendido na sua dignidade e maculado na sua honra.

O chefe vasconço e seu fiel mastim assim o comprehenderam. Sobem juntos ao cume da montanha, e aos bramidos da tempestade, se junta, em breve, o som da buzina de guerra.

Apparecem repentinamente grandes fogos em toda a cadeia de montanhas, desde Larún, fronteira de Navarra, até Foloño, fronteira de Castella.

E o som rouco da buzina de guerra, sobrepujando os ruidos da procella, vôa por entre os bosques de Biscaya, pelos despenhadeiros de Guipuzcoa, e pela arida planicie de Alava.

[1] O sr. D. José Maria Goizueta, sabendo que o nosso collaborador Brito Aranha ia publicar uma selecção das *lendas vasconças* d'aquelle insigne poeta hespanhol, mandou-lhe esta ballada inédita, que tinha escripto ao principiar a guerra d'Africa em outubro de 1859.

Para intelligencia da ballada, convem saber, que as tres provincias vascongadas enviaram ao bravo exercito de operações contra Marrocos, tres terços ou batalhões de voluntarios, armados, fardados e pagos pelas tres provincias, os quaes se houveram com a maior bravura, até ao fim de tão gloriosa campanha em março de 1860.

O sr. Goizueta, na carta que escreveu ao sr. Brito Aranha mostra-se mui lisonjeado da vulgarisação do romance hespanhol na lingua portugueza. E nós esperâmos que esta tentativa do sr. Brito Aranha ha de concorrer para que a litteratura do reino visinho se diffunda em Portugal, começando pelas tradições, lendas e novellas, que para nós tem muito mais sabor, e são mais instructivas que as francezas, com que os traductores de empreitada nos trazem engodado o vulgo dos ledores.

[2] Chefe da familia, ou proprietario.

E os chefes das tres tribus, no cimo do Gorbea, do Amboto, e do Aitzgorry, repetem incessantemente o som de guerra, tremulando o estandarte das batalhas açoitado pela borrasca.

Do Gorbea, do Amboto, e do Aitzgorry sáe este grito, a que nenhum vasconço deixa de responder:

—«*Ia, ia, ia, ó, ó, ó!!* [1] *Bill-zaar* [2], em Victoria, em Tolosa, e em Guernica!!»

E este grito fez estremecer todo o paiz euskaro, que responde com formidavel accentuação:

—«*Ia, ia, ia, ó, ó, ó,* bill-zaar, bill-zaar, bill-zaar!»

Erguei-vos dos sepulchros, guerreiros e bardos dos tempos historicos; sacudi o pó funéreo; despedaçae os sudarios, Zurias, Ayalas, Laras, e outros mil heroes da longa epopéa euskara.

Concorrei aos *bill-zaares* de Biscaya, Guipuzcoa e Alava; vossos descendentes ainda não degeneraram; alli ouvireis de boca em boca o moto de vossos antigos escudos:

—«*Ill, edo guaraitú.*» [3]

—«Em que te occupas, illustre matrona alaveza?

—Em bordar para meu filho, que vae á guerra santa, este bento escapulario da Virgem das Neves.»

—«Que fazes, formosa donzella bergareza?

—Estou bordando para o idolo do meu coração, que vae á guerra santa, este bento escapulario da Virgem de Aránzazu.»

—«Que trabalho é esse em que te empregas, nobre filha de Durango? [4]

—Estou a bordar para meu prezado irmão, que vae á guerra santa, um bento escapulario da Virgem de Begoña.»

—«E sabeis para onde se dirigem vosso filho, vosso noivo, e vosso irmão, nobres vasconças?

—«Ouve, estrangeiro: vão atravessar a Hespanha como d'antes atravessaram as Gallias; vão passar o Estreito [5] como d'antes passaram o Rhodano; vão soltar o grito de guerra e victoria do cume do Atlas, como d'antes o lançaram nas planicies de Capua.

«Vão em auxilio de seus irmãos de Castella; vão lavar a affronta que maculou a nobre face de nossa mãe commum; vão morrer ou vencer como no Regil, como em Cannas, como em Covadonga, como em Navas.

«Vês, estrangeiro, aquellas tres nuvens diaphanas que vôam no firmamento? Encerram as almas dos antigos heroes mortos pela patria.

«Ouves as doces harmonias que fendem os ares? São elles que estão rogando a Deus pela victoria de seus descendentes.

«Vês o immenso raio de luz que illumina todo o paiz euskaro? É apenas o reflexo da auréola que coroa as frontes gloriosas dos que morrem por seu Deus, por sua patria, e por seu rei.

«Nosso lábaro de guerra, o lábaro das tres mãos sanguentas [6], marchará a par da gloriosa bandeira castelhana, e ai de vós! estandartes de Mafoma!

«Se nossos filhos morrerem, ainda ficâmos nós para vingal-os; se nossos filhos morrerem, suas almas voarão em nuvens diaphanas, entoando hymnos a Deus, coroadas as frontes gloriosas com auréolas mais brilhantes que a luz do sol.»

Assim fallaram as illustres donas e donzellas das provincias vasconças.

—Abençoadas sejaes de Deus, uma e mil vezes, nobres mulheres!—disse o estrangeiro, e desappareceu.

Eia, filhos das minhas montanhas! Erguei-vos como um só homem ao hymno de guerra e liberdade!

Trinta seculos de combates e victorias illustram as tres tribus dos Pyreneos com o resplendor, nunca offuscado, da primitiva gloria.

Sus, filhos de Aitor, tronco famoso e esclarecido de nossa progenie! Ide, que vos chamam vossos irmãos de além Ebro.

Empunhae com braço varonil as armas victoriosas, e marchae para Africa, erguida a nobre fronte, altivo o olhar, e sereno o rosto.

Marchae para Africa, e que o vosso *irrinzi* de guerra faça estremecer o Atlas.

Alli vos esperam novos combates, e novos triumphos; luctae até morrer com os vossos eternos inimigos; e Deus faça que a vossa gloria brilhe sempre viva, como a chamma das tres lampadas de oiro nas festas dos Mysterios.

Assim fallou o chefe vasconço; e tres hostes correram ao combate entre as acclamações de um povo inteiro, que gritava com phrenesi:

—«*Ia, ia, ia, ó, ó, ó; ill, edo garaitu!*

Outubro de 1859. D. JOSÉ MARIA DE GOIZUETA.

[1] Com estas letras se compõe o famoso *irrinzi*, ou grito de guerra vasconço.

[2] Ou *bilçar:* congresso de anciãos, chefes de familia, das antigas provincias cantabricas, para n'elle se resolverem negocios graves. Especie de juntas provinciaes que gozaram de consideraveis privilegios, ou foros *(fueros)*.

[3] Vencer ou morrer.

[4] Cidade da provincia de Biscaya, que fica a 30 kil. S. E. de Bilbao; tem 4.000 habitantes.

[5] Gibraltar.

[6] Symbolo das tres provincias vascongadas: *irurac-bat*, as *tres em uma*.

Em presença do papa Clemente VII se lastimaram alguns de varias perdas e infortunios que lhes tinham proximamente acontecido.

Dizia um que perdêra a novidade de seus campos; dizia outro que se lhe perdêra no mar uma boa encommenda; acudia outro que já perdêra o valimento com tal personagem, etc. O papa vendo que n'isto gastavam muito tempo, os atalhou dizendo:

Nada d'isso importa muito; a perda que é para sentir é da coisa que se não póde recuperar, que é o tempo. P. MANUEL BERNARDES

ENIGMA

